

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

A BANDIDAGEM DE DIREITA DOS MORROS CARIOCAS

Com o título de *barões das biroskas*, nosso querido e admirado companheiro Hélio Pellegrino publicou, no JB (9-9-87), artigo sobre os chefes de bandos e as recentes guerrilhas, nas favelas do Rio. Do admirável artigo de Hélio Pellegrino queremos transcrever alguns trechos que constituem verdadeiras radiografias da situação de abandono e miséria, em que vive a imensa maioria pobre da população brasileira, chutada do campo para as desumanas periferias das grandes cidades. Vamos lá:

"O morro é o gueto, o *apartheid* — a pobreza absoluta posta à margem. A favela existe porque a reforma agrária não é feita. Levas e levas de párias migrantes se deslocam do campo para a cidade grande. A miséria do campo é inenarrável. As populações camponesas, atraídas pela miragem da cidade grande, se movem no sentido de sua sinistra luz. As grandes cidades incham, a mão-de-obra aviltada pelo subemprego — ou desemprego — se encarpia nos morros. Os mais valentes e aguerridos sucumbem à tentação da delinquência, incrementada pelo *status quo* social e político".

"O morro é sintoma da doença brasileira, pus que escorre da chaga produzida pela injustiça. Para que se possa tratar a ferida, é necessário submeter o capitalismo selvagem a uma cirurgia radical. É preciso fazer a reforma agrária. É preciso fixar no campo o homem do campo. É preciso rever o conceito de propriedade, derrubando-o de sua posição de fetiche. É preciso honrar e reverenciar o trabalho humano, através de salários condignos. Para tanto, há que questionar, sem temor e tremor, o privilégio dos ricos. Não esqueçamos que o latifúndio, em nosso país, tornou-se aliado da burguesia nacional".

"O processo de industrialização foi, em seu início, liderado pelos barões da aristocracia rural. Não houve, entre nós, contradição grave entre o latifúndio e o capitalismo nascente e crescente. Essas forças sociais, ao contrário, sempre estiveram juntas e aliadas. O capitalismo selvagem brasileiro, tal como está, atende à perfeição aos interesses das classes possuidoras. Existe, no país, uma nata de ricos, que nada fica a dever aos potentados internacionais. A concentração de renda

e a despossessão dela decorrente criam entre nós um desnível social dos mais altos do mundo".

"Qualquer transformação da sociedade brasileira, no sentido da democracia, da justiça e da igualdade, provoca nos estratos dominantes choro e ranger de dentes. A dita burguesia progressista é 'apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!' Por isso, é mais barato e lucrativo manter o sintoma do que enfrentar e desarraigar a doença. Não convém que ela seja operada, ou melhor: a doença o é apenas para as grandes massas espoliadas. Para os dominadores, constitui sarna capaz de transformar-se, ao fim das contas, em cafuné e deleite. Eis o motivo profundo pelo qual as favelas seguem e prosseguem. Não há interesse em erradicá-las, uma vez que tal medida implicaria transformações sociais lesivas ao egoísmo da classe dominante".

"A favela, portanto, cresce e se multiplica ao preço de que suas lideranças fiquem nas mãos de traficantes e delinquentes. A ordem perversa dos morros, ao contrário do que parece, faz o jogo do conservantismo de direita... Os poderes vigentes entregam a favela a Zaca, a Dênis, a Cabeludo, a Escadinha, uma vez que estes pró-homens da miséria do povo não querem resolvê-la politicamente, mas estabilizá-la e estruturá-la, sem riscos para a Vieira Souto...".

"Delinquência desse tipo é coisa de direita — nunca de esquerda. Dizer-se que a favela como está organizada, constitui perigo revolucionário, é afirmação ingênua — ou de má-fé. Não há revolução sem consciência política, levada a um grau inigualável de lucidez e paixão. Se as favelas existem é porque, como tais, não representam perigo maior para a ordem política e social. As classes dominantes brasileiras sabem se defender com a crueldade e a eficiência necessárias. O esmagamento da guerrilha no Brasil, após o golpe de 64, dá desse fato um testemunho inesquecível... Os trabalhadores que habitam o morro precisam organizar-se politicamente para enfrentar, passo a passo, a estrutura de poder da delinquência. Com a finalidade de desobstruir, em nome da verdadeira luta de classes, o caminho da justiça e da paz" (F.L.T.)

IMAGEM DO MENINO NO BARRACO

1. Na favela miserável todo o mundo já sabia o que as pedras proclamavam: no barraco de seu Tomé tudo é cachaça e miséria. Ele, sempre cheio. E Joana, a mulher, não faz por menos. Uma desgraça, meu Deus! Espetáculo terrível para os dois filhos pequenos, crianças que não entendem a profundidade da tragédia. Olhos de pasmo e surpresa, olhos de cosmo profundo: quem dera que nunca visseis as misérias deste mundo. Um dia, ah! sabereis a sedução do pecado. Ah, um dia sentireis o grillão do viciado.

2. Na favela os moradores participam solidários da sorte de seu Tomé, da desgraça de sua Joana. Fazem tudo o que é possível pra cuidar dos dois meninos. Como sofrem, coitadinhos, sem saber que estão sofrendo. "O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada", pensa a favela carente. Todos assumem a carga dos dois garotos largados, sobre a carga que carregam nos ombros já carregados. São pobres mas generosos, têm alegria no dar; sem suspiro, sem vaidade ajudam por ajudar.

3. Aí sucede o descuido, descuido que foi fatal. Marido e mulher beberam, até caírem no chão, sem que os vizinhos notassem o silêncio da tragédia. Junto aos corpos que curtiem os efeitos da cachaça, uma garrafa ainda cheia prenunciava a desgraça. Os meninos, imitando os Pais que viram beber, ao lado dos Pais que dormem, bebem té desfalecer. Na manhã seguinte o morro acorda aos berros de dor: os Pais contemplam vidrados os corpinhos já sem cor. Gritam, berram, desesperam pelos filhos que já eram. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

PRÁTICA DO MAGISTÉRIO

- Para o Magistério do bispo ser exercido com maior segurança e tranquilidade, para o bem do Povo de Deus, há recursos práticos que não deveriam ser esquecidos.
- O bispo deve sempre referir o seu Magistério ao Magistério de Pedro e ao Magistério do Colégio Episcopal com Pedro e sob Pedro. Isto em plano de Igreja universal.
- Mas na Igreja particular há vários dados importantes para o exercício do Magistério episcopal.

- O bispo diocesano deve olhar por ex. para o Colégio Episcopal de sua nação ou país. Entre nós a CNBB, unida ao Papa e ao Episcopado do mundo inteiro, é ponto de referência para todos os bispos. Entre nós a Conferência Regional da CNBB: o Leste I, por ex., devia ser um primeiro foro de debates para obter um consenso em assuntos importantes e comuns.
- A procura de consenso não limita o Magistério de cada bispo, antes pelo contrário fortalece-o e confirma-o.
- Mas também dentro da diocese há circunstâncias que ajudam o bispo no exercício do Magistério. Sem que diminua em nada sua autoridade, o bispo pode recorrer frequentemente ao seu Conselho Presbiteral, ao seu Conselho Pastoral, que são órgãos eclesiais, criados pelo Vaticano II, precisamente

para ajudarem o bispo no seu múnus pastoral.

- Quanto mais integrados estiverem bispo e Conselho Presbiteral, bispo e Conselho Pastoral, Conselho Presbiteral e Conselho Pastoral, tanto mais diáfano e eficiente será o exercício do Magistério do bispo.
- Esta colaboração, ao contrário do que muitas vezes se pensa, reforçará extraordinariamente a autoridade do bispo, uma autoridade que se baseia no exemplo de Jesus e não no exemplo de um quartel ou de uma empresa.
- A idéia de que o bispo sozinho tem toda a responsabilidade na diocese, em todos os assuntos e setores dificilmente corresponde à mensagem do Evangelho, à natureza da Igreja e ao desejo de participação e decisão que anima os homens de nosso tempo. (A.H.)

3º DOMINGO DO ADVENTO (13-12-1987)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa do Advento "VEM, SENHOR JESUS!", Pe. José M. S. de Cueto — Lindeberg Pires; Ed. Paulinas.
(Na liturgia de hoje é permitido o uso de instrumentos musicais e de flores no altar).

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



1. Preparemos os nossos caminhos: o Senhor está para chegar. Alegria, não estamos sozinhos: o Senhor vem até nosso lar.

Vivemos na esperança de ver neste Natal o mundo renovado, pois Deus a nós se dá.

2. Deus não envia até nós "um presente": Ele vem, com amor, no Natal. Com a Igreja exultemos contentes: Emanuel! Deus Conosco! Natal!

3. A este mundo enfermo e cansado, vem Jesus, com amor, visitar. Confiemos! Estando Ele ao lado, nosso mundo vai pronto sarar!

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Irmãos, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo, estejam convosco.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. É preciso que todos os cristãos se empenhem e sigam a vocação de levar aos oprimidos a libertação anunciada pelo Evangelho. Cristo está para vir e nós preparamos o seu caminho no Advento. Celebremos, pois, a vinda do Senhor e anunciemos com alegria, orações e ações de graças, que os pobres ouvem a Boa-Nova, os cativos e prisioneiros são libertos, os desanimados são confortados e o Senhor virá salvar o seu povo. Endireitemos o caminho do Senhor!

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, também somos culpados por tanta coisa, que neste mundo, atrapalha a vinda e o Advento do Senhor. Arrepêdidos, por não reconhecê-lo no meio de nós, peçamos perdão (Pausa para revisão de vida).

P. (canta): Entre nós está e não o conhecemos! / Entre nós está e nós o desprezamos

S. Tende compaixão de nós, Senhor.

P. Porque somos pecadores!

S. Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia.

P. E dai-nos a vossa salvação!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

Eu canto a alegria, Senhor, de ser perdoado no amor! (bis)

Senhor, tende piedade de nós! (bis)

Cristo, tende piedade de nós! (bis)

Senhor, tende piedade de nós! (bis)

5 COLETA

S. Oremos: Ó Deus de bondade, vedes o vosso povo esperando fervoroso o Natal do Senhor. Dai-nos chegar às alegrias da salvação e celebrá-las sempre, com intenso júbilo, na sagrada e solene liturgia. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA



C. O profeta Isaías nos aponta Cristo, que não visa o conforto, o poder ou o comodismo, mas anuncia a legria da libertação e redenção dos oprimidos.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías (61,1-2a.10-11). — "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me para levar a boa-nova aos pobres, confortar os desanimados, anunciar a anistia aos cativos e aos prisioneiros a liberdade, para proclamar um ano de graça do Senhor. Transbordo de alegria no Senhor, e minha alma exulta em meu Deus! Pois ele me vestiu com as vestes da salvação, envolveu-me com o manto da justiça, qual noivo que ajusta seus trajes, qual noiva que se enfeita com as jóias. Sim, como a terra faz brotar as plantas e o jardim faz germinar as sementes, assim o Senhor Deus faz germinar a justiça e a glória diante de todas as nações". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

7 SALMO DE MEDITAÇÃO

(Lc 1,46s)

C. Nossa resposta é o compromisso de vivermos como ungidos, que o Senhor enviou para anunciar a boa-nova, a libertar os cativos e anunciar o ano em que Deus vai fazer justiça a seu povo.

O Senhor fez em mim maravilhas! / Santo é seu Nome!

Sl. 1. A minh'alma engrandece o Senhor / e exulta meu espírito em Deus, meu Salvador; // porque olhou para a humildade de sua serva, / doravante as gerações hão de chamar-me de bendita.

2. O Poderoso fez em mim maravilhas, / e Santo é o seu nome. // Seu amor para sempre se estende / sobre aqueles que o temem.

3. Sacia de bens os famintos / despede os ricos sem nada. / Acolhe Israel, seu servidor, / fiel ao seu amor.

8 SEGUNDA LEITURA

C. Consciente de que a chegada do Senhor está próxima, São Paulo nos lembra: isto é motivo para a manifestação dos nossos dons na comunidade.

L. Leitura da Primeira Carta de São Paulo Apóstolo aos Tessalonicenses (5, 16-24). — "Irmãos, vivam sempre alegres! Rezem sem cessar! Em tudo sejam agradecidos. Pois isso é o que Deus deseja de vocês, porque pertencem a Cristo Jesus. Não extinguam o Espírito! Não desprezem as profecias, mas examinem tudo, guardem o que for bom, e afastem-se de toda espécie de maldade! Que o próprio Deus da paz os santifique até a perfeição, e tudo aquilo que vocês são — espírito, alma e corpo — seja conservado sem mancha alguma para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo! Aquele que os chamou é fiel; ele mesmo realizará isso". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Que as nuvens se abram e enviem o orvalho reconfortador. / Que na terra brote já a flor! / Que venha para nós o Salvador!

10 EVANGELHO

C. É importante que o Reino de Deus cresça entre os homens. João Batista é testemunha e dá testemunho desse Reino. Ele não se intimida diante dos grandes.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (1,6-8.19-28).


P. Glória a vós, Senhor!

S. Apareceu um homem enviado por Deus; seu nome era João. Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, para que todos chegassem à fé por meio dele. Esse homem não era a luz; veio apenas para dar testemunho da luz. Este foi o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntar: "Quem é você?" Ele confessou e não negou. Confessou: "Eu não sou o Messias". Eles perguntaram: "Então, quem é você? Elias?!" João respondeu: "Não sou". Eles perguntaram: "Você é o Profeta?" Ele respondeu: "Não". Então perguntaram: "Quem é você? Temos de levar uma resposta aos que nos enviaram. Que você diz de si mesmo?" João declarou: "Eu sou uma voz que grita no deserto: 'Endireitai o caminho do Senhor!'", como disse o profeta

Isaías". Ora, entre os enviados havia fariseus. E estes perguntaram: "Então, por que você batiza, se não é o Messias, nem Elias nem o Profeta?" João respondeu: "Eu batizo com água, mas no meio de vocês está aquele que vocês não conhecem, e que vem depois de mim. Eu nem mereço desamarrar a correia de suas sandálias". Isso aconteceu em Betânia, na outra margem do Jordão, onde João estava batizando. — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. / Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: / Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; / gerado, não criado, consubstancial ao Pai. / Por ele todas as coisas foram feitas. / E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; / e se encarnou pelo Espírito Santo, / no seio da Virgem Maria, e se fez homem. / Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, / e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; / e o seu reino não terá fim. / Creio no Espírito Santo, / Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: / Ele que falou pelos profetas. / Creio na Igreja, / una, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo para a remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.

* 13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, é preciso que o Reino de Deus cresça entre nós. Este crescimento depende de nosso trabalho. Que o Espírito de Deus nos dê força, eis o que pedimos em nossa oração:

L1. Para que os cristãos entendam a fé como engajamento evangélico nos problemas do povo e do bairro:

P. (canta): Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! / Vem, Senhor Jesus! Vem!

L2. Para que nossa vontade de agradar a Deus se concretize na participação e na ajuda aos nossos irmãos oprimidos:

L3. Para que a figura de João Batista desperte nossa vocação profética que prepara a chegada do Reino de Deus:

L4. Para que nossa alegria, na preparação do Natal, não seja apenas consumista, mas expressão de nossa certeza na presença de Cristo no mundo:

(Outras intenções da comunidade...).

S. Senhor, aceitai nossas orações. Dai-nos a sensibilidade para escutar a mensagem de vosso profeta que desapegado aos bens deste mundo, preparou a vossa vinda. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

14 CANTO DAS OFERTAS



Que alegria, que esperança! Aguardar Jesus que vem! Renovemos nossas vidas, confirmemos nossa fé.

1. Junto ao pão e junto ao vinho, colocamos a promessa de vivermos como irmãos. Sobre a ara do altar depositamos o apeto fraternal de nossas mãos.

2. Aceita, ó Senhor, neste momento, nossa vida transformada em oblação, como aceitas, ó Senhor, o alimento que o fermento, levando, torna pão.

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oraí, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor, preparando a chegada de vosso Reino, queremos executar a tarefa que vosso Filho nos confiou. Recebei nossas ofertas e dai à vossa Igreja a salvação que Ele nos trouxe. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio. No fim):

P. (canta): Santo, Santo, Santo...
(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):



S. Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos! / Vós que nos libertastes pela Cruz e Ressurreição.

17 CANTO DA COMUNHÃO



1. Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! É Jesus que vem chegando. É Natal no coração.

Vamos, pois, com alegria: É o Advento do Senhor. Para nós, na Eucaristia, o Natal se adiantou.

2. Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é unidade, e unidade é comunhão.

3. Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é aliança renovada com amor.

4. Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é vida nova — renovados estamos nós.

5. Caminhemos, alma em festa, ao encontro do Senhor! Comunhão é compromisso — fiéis seremos, por amor.

18 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Deus de misericórdia, com a força desta santa refeição, vinde em socorro de nossa fraqueza.

Purificai-nos de nossa culpa e ajudai a nos preparar para as festas que se aproximam. Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Neste tempo de Advento, — de espera e preparação para o Natal —, procuremos, em nossa comunidade, responder mais às necessidades do povo que sofre e está oprimido pela força dos poderosos. Levemos nossa certeza de que, antes de nos apegarmos aos festejos comerciais, esbanjemos amor e alegria no Cristo, que salva e traz justiça e paz para todos.

20 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. O Senhor vos abençoe e vos guarde.

P. Amém!

S. O Senhor volte para vós o seu rosto sereno e vos seja benigno.

P. Amém!

S. O Senhor volte os olhos para vós e vos conceda a paz.

P. Amém!

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso: Pai e Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém!

21 CANTO DE SAÍDA

Nós agora voltaremos para anunciar / que Jesus, a quem amamos, vem pra conosco ficar.

A aurora está chegando e o sol está para raiar! / Flor está já brotando. Conosco vem para ficar o Deus da Paz!

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Nm 24,2-7.15-17a; Mt 21,23-27 ou 1Cor 2,1-10a; Lc 14,25-33 (S. João da Cruz).

/ 3ª-feira: Sf 3,1-2.9-13; Mt 21,28-32. / 4ª-

feira: Is 45,6b-8.21b-25; Lc 7,19-23. / 5ª-feira:

Gn 49,2.8-10; Mt 1,1-17. / 6ª-feira Jr 23,5-8;

Mt 1,18-24. / Sábado: Jz 13,2-7.24-25a; Lc

1,5-25. / Domingo: 2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16;

Rm 16,25-27; Lc 1,26-38.

UNGIDOS PARA LIBERTAR

José Pedro de Alcântara

João e Jesus: uma dupla bonita e misteriosa. Cada um tem a sua grandeza e sua marca. Eram primos. Conhecera-se em criança. Eram profundamente religiosos. Viviam uma grande paixão pela causa do Deus da justiça e da misericórdia. Eram profetas destemidos. Achavam que Deus tem muito a ver com a forma de organizar a sociedade. Ambos souberam enfrentar a austeridade do deserto e o fascínio da tentação do poder e do mando. Havia uma grande admiração mútua: "Homem nenhum nascido de mulher é grande quanto ele!", dizia Jesus de João. "Ele é maior do que eu. Não sou digno de desatar-lhe a correia das sandálias!", dizia João de Jesus. Ambos batizavam e tinham discípulos.

Mas creio que o que mais unia estes primos notáveis era sua paixão por Deus e pelos irmãos. Eles os buscaram com intensidade na juventude e na idade adulta. Buscaram-nos no trabalho cotidiano de construir casas, no cultivo da terra, no convívio das pequenas alegrias comunitárias e sobretudo no silêncio da meditação e na oração. O Deus que encontraram é um Deus que tem tudo a ver com os homens e com a sociedade destes homens. Foi um Deus político que encontraram para quem não é indiferente o baixo salário, a falta de saúde e o sofrimento da miséria. Por isto, João gritava às margens do Jordão: "Fazei penitência e mudai de vida! Quem tiver roupa e comida que dê a quem não tem. E vocês, soldados,

não tortureis nem chantageis ninguém. E vocês, fiscais, não roubem e cobrem pela tabela". E Jesus proclamava: "Fui ungido para anunciar aos pobres uma época de fartura e aos presos a libertação. Pois Deus ama o direito e odeia a corrupção e o crime". De tal maneira a mensagem de João e Jesus tinha a ver com política que ambos acabaram presos e mortos violentamente. No entanto, continuam como figuras centrais no cristianismo, sobretudo neste tempo de Advento, em que 2.000 anos depois, nós juntamos nossos anseios de justiça e fraternidade aos anseios que queimaram o coração e a cabeça desses dois notáveis homens de Deus. Com eles também proclamamos hoje: "O tempo se aproxima. O machado está posto à raiz da árvore. Deus virá para o acerto de contas. Converti-vos, enquanto ainda é tempo".

EM TORNO DA LITURGIA

AS EXPERIÊNCIAS PASCAIS DOS CRISTÃOS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Em cada Missa a Igreja celebra a vida de Cristo e dos cristãos, ou a Páscoa de Cristo e dos cristãos. Por isso, cada Celebração eucarística será alimentada sempre por duas fontes, que evocam a vida de Jesus Cristo nos seus mistérios e dos cristãos em sua caminhada pascal: a Bíblia e a fé transmitida pela Tradição da Igreja por um lado e a história do povo em sua caminhada pascal de outro.

Importa perceber a dimensão pascal na história de cada um e da comunidade, desde os grandes acontecimentos até os fatos mais simples e cotidianos. Isso nos mais diversos níveis da experiência humana.

Tentemos explicitar um pouco. Na experiência da vida: nossa existência, o despertar da adolescência, a opção vocacional e profissional, a formação, o casamento, os filhos, as datas jubilares, a idade madura, as realizações. No nível religioso: o dom da fé, o batismo, a primeira Comunhão, as festas religiosas, as Missas dominicais, os sacramentos e assim por diante. No nível do humano: a experiência da amizade e do amor em suas diversas expressões, a reconciliação, a vitória sobre o egoísmo, experiências do lazer, do divertimento, do esporte, da arte nas mais diversas formas. Os acontecimentos ligados à natureza: o despertar de um novo dia, o nascer do sol, uma chuva abençoada, um

bom tempo esperado, as estações do ano; a semente que nasce, a colheita que amadurece, o salário conquistado pelo trabalho; um banho restaurador, uma boa refeição. No nível dos acontecimentos: em âmbito familiar, os nascimentos, a recuperação da saúde, os filhos que partem, que se formam, que se firmam na vida; as vidas que são colhidas por Deus como frutos maduros. Acontecimentos da comunidade: as festas, as vitórias conquistadas, as lutas na esperança de dias melhores, a perseverança na luta. Acontecimentos do país e do mundo: a tomada de consciência da identidade de um povo; a paz conquistada, a libertação de um povo.

O LUGAREJO DO PRIMEIRO ADVENTO

Carlos Mesters

Nazaré, o lugarejo onde o anjo foi visitar Maria, era um pequenino povoado do interior. Ficava meio perdido no alto da serra da Galiléia, um pouco acima do lago. Lugar de pouco prestígio, pois o povo dizia: "Será que pode vir coisa boa de Nazaré?" (Jo 1,46). Como era a condição de vida do povo? As casas eram pobres, cavadas, em parte, na encosta do morro. Poucas casas, pouca gente. Todo mundo conhecia todo mundo e sabia da vida de cada um.

Tanto isso é verdade que, quando Jesus voltou para lá, anunciando o Evangelho, depois do batismo no rio Jordão, o povo ficou admirado com ele e dizia: "Onde é que ele aprendeu essas coisas todas? Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria?" (Mc 6,2-3). No interior é assim. Qualquer coisa que um faz diferente dos outros, o povo logo comenta. Nazaré tinha um único olho d'água ou fonte, para abastecimento de todos. A fonte era um lugar de encontro para as mulheres, que carregavam água. Era de lá que as notícias se espalhavam, misturadas com os comentários do povo, como até hoje acontece em muitos povoados e aldeias do interior da Palestina e do Brasil. Lá como cá, naquele tempo como hoje, o povo se reunia em torno da Bíblia.

Havia por lá uma casa de oração, chamada sinagoga (cf. Lc 4,16), onde o povo se reu-

nia todos os sábados, para rezar e escutar a leitura da Bíblia, explicada e comentada pelo coordenador da comunidade ou por um dos presentes, convidado para isso pelo coordenador. Assim, certa vez, Jesus, que não era coordenador da comunidade de Nazaré, foi convidado para fazer a leitura e dar uma explicação ao povo (cf. Lc 4,16-22).

Perto da sinagoga, a comunidade mantinha uma escolinha, onde as crianças aprendiam a ler a Bíblia em hebraico. O povo falava o aramaico, como nós hoje falamos o português. A população de Nazaré vivia sobretudo da lavoura. Trabalhava na roça. Um ou outro, como Jesus, prestava, além disso, algum serviço à comunidade, como carpinteiro ou ferreiro. É por isso que Jesus contava tantas parábolas sobre a lavoura, a semente, as árvores e as flores. Ele conhecia todas essas coisas de própria experiência. A roça não era deles. Eles eram apenas moradores. Havia uma espécie de latifúndio. Os donos das terras moravam sobretudo na cidade de Tiberíades, que ficava perto do lago. As mulheres viviam em casa — vida mais retraída — cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Saíam para buscar água na fonte e encher o pote em casa. À primeira vista, Nazaré parece ter sido uma cidadezinha um tempo incerto e inseguro!

quilha. O país era ocupado pelos romanos, estrangeiros que exigiam impostos pesados do povo, cobrados por fiscais a quem o Evangelho dá o nome de publicanos. A maioria dos publicanos era gente desonesta, que roubava muito.

Os romanos fizeram um recenseamento (cf. Lc 2,1) em vista da arrecadação do dinheiro. Os latifundiários fizeram amizade com os romanos e passavam bem. O povo pobre é que sofria. Por isso, começou a surgir um movimento para lutar contra os romanos. Os membros deste movimento de libertação chamavam-se Zelotes. A maior parte deles vivia na Galiléia. Era gente violenta. Quando podiam, matavam os soldados romanos, sobretudo na escuridão da noite. Isso provocava repressões violentas, em que corria muito sangue.

Estas e outras coisas o povo comentava à boca pequena, quando ia buscar água na fonte. Era o assunto do dia, sobretudo na Galiléia. Muitos galileus tinham entrado no movimento. Tanto assim que, no sul, a palavra galileu pegou o sentido de gente revoltada contra os romanos. Portanto, Nazaré não era um lugar assim tão tranqüilo para se viver. Ficava numa região explosiva. O tempo em que Nossa Senhora por lá vivia tinha simpática e tranqüila. Mas não era tran-

BÍBLIA VOZES

- 1.552 páginas, papel especial
- Formato 13 x 18 cm, encadernada com prático encaixe e belíssima gravação em ouro

A tradução desta Bíblia amadureceu ao longo de 50 anos. Muitos especialistas deram sua contribuição. Partindo dos textos originais, usaram os recursos das modernas ciências históricas, lingüísticas e arqueológicas, para lhe oferecer um trabalho científico e de linguagem simples e acessível.

Faça seu pedido ainda hoje para:

EDITORA VOZES LTDA.

Caixa Postal 90023

25689 Petrópolis, RJ

Tel.: (0242) 43-5112